

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio: “Passo a Passo Construo o Meu Caminho”

2011

esec

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE COIMBRA

Departamento de Educação

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Relatório de Estágio: “Passo a Passo Construo o Meu Caminho”

Graciete Maria Almeida dos Reis

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Vera do Vale

Julho de 2011

Agradecimentos

A realização deste Relatório revelou-se um trabalho, que não esteve exclusivamente dependente da minha pessoa.

Muitos foram os que de alguma forma, directa ou indirectamente, contribuíram para a sua concretização.

Neste sentido, agradeço à Professora Dr.^a Vera do Vale, a minha orientadora deste Relatório, que sempre me apoiou, ensinou e motivou a trabalhar mais e melhor!

Apresento os sinceros agradecimentos ao meu marido, filho, irmã e aos meus pais, pela paciência, compreensão e apoio prestado na hora de concluir este Trabalho.

Resumo

O presente trabalho consiste no relato das práticas desenvolvidas, no estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

O objectivo deste trabalho foi por um lado, relatar as experiências mais significativas e por outro, reflectir sobre elas.

Um dos aspectos fulcrais foi a realização de um projecto no qual procurei realizar práticas integradas, significativas e diversificadas tendo em conta os interesses, necessidades e sugestões das crianças.

Palavras-chave: Observação, Avaliação, Reflexão, Intervenção, Metodologia de Projecto.

Abstract

This paper consists in a description of the practices I developed during the internship, in the Master of Pre-School Education.

The purpose of this document was, on one hand, to describe the most significant experiences and, on the other hand, reflect on them.

One of the main aspects was the implementation of a project in which I tried to achieve integrated, significant and diversified practices, being aware of the children's interests, needs and suggestions.

Keywords: Observation, Evaluation, Reflection, Intervention, Methodology Project.

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I.....	2
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
CAPÍTULO II.....	6
2. CARACTERIZAÇÃO.....	7
2.1 Instituição.....	7
2.1.1 Instalações	7
2.1.2 Organização.....	8
2.1.3 Componente Educativa/ Social	8
2.1.4 Aspectos Curriculares Gerais	9
2.2 Grupo	10
CAPÍTULO III	12
3. AS PRIMEIRAS SEMANAS.....	13
3.1 Primeiro Dia de Estágio	13
3.2 Organização do Tempo/Rotinas.....	14
3.3 Organização do Espaço.....	15
3.3.1 Interior/Sala.....	15
3.3.2 Exterior.....	16
3.4 Relações	17
CAPÍTULO IV	19
4.INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA	20
4.1 Instrumento de Avaliação	21

4.2 SAC (Sistema de Acompanhamento das Crianças).....	23
4.2.1 Ficha 1G	24
4.2.2 Ficha 2G	25
4.2.3 Ficha 3G	26
4.2.4 Ficha 1G: Avaliação Geral do Grupo Níveis de Bem-Estar e Implicação	27
CAPÍTULO V	29
5. A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA.....	30
5.1 Planificação.....	30
5.1.2 O que é planificar?	30
5.2 Projectos.....	32
5.2.1 Metodologia de Projecto	32
5.2.2 Mini Projecto “O ciclo da água”	34
5.2.3 O Projecto “As Emoções”	36
5.2.3.1 Pertinência.....	36
5.2.3.2 Lançamento.....	36
5.2.3.3 Fases.....	37
5.2.3.4 Reflexão.....	41
CAPÍTULO VI	43
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
BIBLIOGRAFIA	47
APÊNDICES	48
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

O presente relatório insere-se no âmbito do estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado numa instituição com Creche e Jardim-de-infância. O referido estágio decorreu de 10 de Novembro de 2010 a 3 de Junho de 2011 Março e teve como Orientadora a Dr.^a Vera do Vale e como Supervisora a Professora Manuela Carrito.

Este relatório é no fundo um instrumento de análise e reflexão do meu estágio. É constituído pelas experiências que considero serem mais marcantes na realização da minha prática pedagógica. Por isso, acabará por exprimir as minhas vivências mais significativas, que decorreram na sala de actividades dos 3 anos II em jardim-de-infância.

No que respeita à organização e sequência do trabalho, ele é composto por cinco capítulos. Assim, o primeiro capítulo do relatório aborda um pequeno enquadramento teórico, o qual refere um pouco da minha formação e também do enquadramento da educação pré-escolar em Portugal.

O segundo capítulo diz respeito à caracterização, nomeadamente da instituição e do grupo.

O terceiro capítulo refere-se às primeiras semanas e divide-se em vários pontos, nomeadamente, o 1º dia de estágio, organização do tempo, organização do espaço: interior e exterior e relações.

O quarto capítulo, aborda os diferentes instrumentos de avaliação utilizados na prática educativa e, tal como o anterior divide-se em pontos, nomeadamente, o instrumento de avaliação e o Sistema de Acompanhamento de Crianças (SAC).

O quinto capítulo refere-se à minha actuação prática e divide-se também em vários pontos, nomeadamente, planificação e projectos desenvolvidos. Por último, o sexto capítulo refere-se às considerações finais, no qual faço um balanço da minha prática pedagógica.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O meu interesse em trabalhar com crianças, já é um sonho que anseio há muito tempo, pois já trabalhei na área como auxiliar da acção educativa. Como tal, um dia decidi ingressar na Escola Superior de Educação de Coimbra para tirar o curso de Educação de Infância. Mas, ao fazê-lo constatei que com “Bolonha”, este designa-se de Curso de Educação Básica, abrangendo os três ciclos, nomeadamente, pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo. Assim, este curso é constituído por dois ciclos. Um 1º ciclo de formação inicial, a licenciatura que abrange os três ciclos, e um 2º ciclo que diz respeito à profissionalização para a docência, ou seja, o grau de mestre.

Como tal, durante a minha licenciatura realizei vários estágios nos diferentes ciclos, no pré-escolar, 1º ciclo e 2º ciclo. Estes estágios foram muito importantes durante o meu percurso, pois foram uma mais-valia para me ajudarem na escolha do meu mestrado. Assim, terminada a minha licenciatura candidatei-me a dois mestrados, pré-escolar e pré-escolar/ 1º ciclo, acabando por entrar nos dois. Por isso, optei por tirar o mestrado em pré-escolar pois foi o que sempre quis. Este mestrado é composto por um estágio em jardim-de-infância com a duração de 23 semanas.

Importa ainda referir, que este se divide por quatro fases.

A primeira fase diz respeito à observação do contexto educativo e têm a duração de cinco semanas. A segunda fase refere-se à entrada progressiva na actuação prática e têm a duração de quatro semanas. A terceira fase tem a ver com o desenvolvimento das práticas pedagógicas e têm a duração de oito semanas. Por último, a quarta fase na qual é pedido a implementação e desenvolvimento de um projecto pedagógico com a duração de seis semanas.

Em Portugal, a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº5/97, de 10 de Fevereiro) estabelece como princípio geral que *“a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve*

estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

O princípio geral e os objectivos dele decorrentes, enunciados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar enquadram a organização das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE, Despacho nº 5220/97 de 10 de Julho) que se constituem como um conjunto de princípios gerais de apoio ao educador na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças.

Enquanto quadro de referência para todos os educadores, as OCEPE vinculam a intencionalidade do processo educativo neste nível de educação devendo o educador ter em conta: os objectivos gerais enunciados na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar; a organização do ambiente educativo; as áreas de conteúdo; a continuidade e a intencionalidade educativas. (Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007)

Em suma, as OCEPE são o documento actual orientador das práticas do educador, são como a sua “Bíblia”.

De acordo, com o Decreto-lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro, a educação pré-escolar destina-se às crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade de ingresso no ensino básico e é ministrada em estabelecimentos de educação pré-escolar. Apresentando como objectivos:

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;

- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, inculcando comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.

CAPÍTULO II

CARACTERIZAÇÃO

2.CARACTERIZAÇÃO

2.1 Instituição

2.1.1 Instalações

A realização do estágio previsto neste Mestrado ocorreu numa instituição com Creche e Jardim-de-infância. A Instituição está situada numa comunidade urbana e é destinada aos filhos dos funcionários: Médicos, Enfermeiros, Técnicos, Administrativos e Pessoal Auxiliar. Abre às 7h30m, embora a recepção das crianças seja até às 9h30m, e encerra às 18h30m. Está desde 25 de Abril de 2003, envolvendo instalações espaçosas e pautadas pela qualidade.

Com um total de 8 salas, tem capacidade para receber 185 crianças desde os 4 meses aos 5 anos. O edifício é constituído por três pisos: ao nível da cave (piso 0) destina-se fundamentalmente a arrecadações, instalações sanitárias de serviço, sala polivalente e sala da caldeira; o piso 1 é ocupado com a área administrativa e serviços de apoio, como o refeitório, dormitórios e entrada principal com um palco de apoio às festas desta Instituição; no piso 2 ficam as salas da creche (ala esquerda), do Jardim-de-infância (ala direita) e alguns gabinetes (educadoras e sala de isolamento). A qualidade e o bem-estar são preocupações notórias nas divisões amplas, na dignidade dos diversos espaços de apoio e nos materiais utilizados. É destinada a proporcionar às crianças, um espaço de acolhimento em ambiente educacional e recreativo, durante o período normal de trabalho dos pais.

2.1.2 Organização

Esta Instituição organiza-se da seguinte forma:

- **Creche** com capacidade para 60 crianças e destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 4 meses de idade e os 36 meses e compreende: Berçário I – para crianças a partir dos 4 meses de idade e nascidas até 31 de Dezembro do ano em curso; Berçário II – para as crianças com 12 meses de idade até 31 de Dezembro do ano em curso; Sala dos 2 anos – para crianças com 24 meses de idade até 31 de Dezembro do ano em curso.

- **Jardim-de-infância** com capacidade para 185 crianças e destina-se a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos de idade e os 5 anos e compreende a: Sala dos 3 anos – para crianças com 3 anos de idade feitos até 31 de Dezembro do ano em curso; a Sala dos 4 anos – para crianças com 4 anos de idade feitos até 31 de Dezembro do ano em curso; o Sala dos 5 anos – para crianças com 5 anos de idade feitos até 31 de Dezembro do ano em curso).

2.1.3 Componente Educativa/ Social

Um dos primordiais objectivos da instituição refere-se à assistência materno-infantil e à Educação pré-escolar, tendo em vista: assegurar as condições básicas que favoreçam um desenvolvimento harmonioso e integral das crianças; colaborar com as famílias na educação e promoção da saúde infantil e, proporcionar a cada criança condições de bem-estar e segurança, tendo em conta a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário – condição básica da Educação pré-escolar.

Contudo, tem como actividades curriculares a expressão musical e a expressão motora leccionadas por outros professores e, em que o custo é suportado pelos pais. Para além disso, a instituição possui ainda um leque de actividades de enriquecimento curricular opcionais, nomeadamente, a natação, o inglês e o ballet.

2.1.4 Aspectos Curriculares Gerais

Segundo a Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escolar, *“projecto educativo de escola é aquele que implica todos os intervenientes que directa ou indirectamente tem a ver com a educação das crianças, num determinado contexto organizacional”* (1998, p.97).

Como tal, o tema do Projecto Educativo é “Vitória, vitória vamos ouvir uma história”. Este teve início no ano lectivo 2009/2010 e têm uma validade de 3 anos lectivos. Foi realizado por toda a equipa da acção educativa e direcção. As principais preocupações na sua elaboração consistem em dar resposta às necessidades das crianças, às expectativas dos pais e de toda a comunidade envolvente.

2.2 Grupo

O grupo é constituído por 20 crianças, sendo 13 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Algumas destas crianças têm já três anos feitos, as outras completarão os 3 anos até ao final Dezembro.

O nível socioeconómico a que estas crianças pertencem é um nível médio e médio alto, sendo notório o seu nível sociocultural através do seu desenvolvimento, higiene, autonomia e linguagem.

A maioria destas crianças reside na cidade ou arredores.

O grupo é constituído na sua maioria por filhos de profissionais na área da saúde, engenharia, administração e secretariado.

Posso ainda referir que o grupo apresenta algumas diferenças de desenvolvimento dadas às diferenças de meses nas idades, às diferentes experiências vividas por cada criança e ao nível diferenciado das capacidades adquiridas. Diferem ainda nos centros de interesses, na motricidade fina e na garatuja. Estas crianças estão bem desenvolvidas a nível da linguagem (receptiva e expressiva). Contudo, existem algumas crianças que necessitam de mais apoio, pois possuem algumas dificuldades articulatórias.

Relativamente às preferências deste grupo foi-me possível identificar o gosto pela área de expressão plástica, nomeadamente, a pintura, o desenho e modelagem. Também é notória a sua preferência pela área de expressão dramática (jogo dramático/imitação). No jogo de imitação é visível uma preferência das meninas pela área das bonecas, a cozinha, o quarto, e a arca das trapalhadas. Nos rapazes é visível o seu interesse pelos carros, os comboios, os jogos e as bolas. Contudo, a música, a dança e as canções são do agrado de todos. Também, gostam das actividades no exterior (nos baloiços, no campo e no jardim), de histórias lidas, mimadas, da leitura de imagens, de desfolhar revistas e livros.

Quanto às características a nível emocional e comportamental são crianças alegres, bem-dispostas, de grande vivacidade, participativas, curiosas e interessadas, aderem com facilidade às diferentes actividades propostas quer pela educadora quer pelas auxiliares. Iniciaram já o contacto com as canetas de feltro (estojo que cada um trouxe). Assim, as crianças já possuem um conhecimento das regras para o uso de materiais, para a forma de os arrumar e para o funcionamento dentro da sala de aula.

Atentas a mudanças gostam de mostrar o que têm de novo e manifestam gosto quando os outros têm novidades ou até às alterações a nível comportamental ou físico, relativamente a outras crianças ou aos adultos que as rodeiam.

CAPÍTULO III

AS PRIMEIRAS SEMANAS

3. AS PRIMEIRAS SEMANAS

3.1 Primeiro Dia de Estágio

“É sem dúvida a possibilidade de realizar um sonho que há muito anseio. Mas, para além de um sonho também é o momento de pôr em prática, o que aprendi durante a licenciatura. Assim, este dia foi marcado pelo começo da minha prática pedagógica no Infantário. Neste dia, estava muito nervosa e também receosa pois, não sabia o que me esperava, nem como iria ser a reacção das crianças” (Notas de campo, 10 de Novembro de 2010).

Quando soube que ia estagiar para esta instituição fiquei um pouco apreensiva pois não conhecia e não sabia muito bem o que iria encontrar.

No entanto, quando cheguei à instituição fui recebida, juntamente com as minhas colegas, pela Coordenadora, que nos mostrou as instalações e apresentou-nos às respectivas Educadoras Cooperantes. Eu e a minha colega ficamos com a Educadora responsável pelo grupo de 3 anos II. Em seguida, a Educadora apresentou-nos ao grupo de crianças e pediu-lhes que se apresentassem. As crianças mostraram-se bastante carinhosas e felizes com a nossa presença. Afinal, os medos e nervos inicialmente sentidos tinham sido ultrapassados pela forma como fomos acolhidas pela Educadora, pelas crianças e auxiliares.

Considero, que a forma como fui recebida foi marcante pois pode ser um factor decisivo para a minha integração neste novo ambiente, no qual terei que permanecer, conviver e desempenhar o meu trabalho.

3.2 Organização do Tempo/Rotinas

“No que diz respeito, à organização do tempo pude observar, que na minha sala de actividades, o esquema de rotina é constituído pelos seguintes momentos ordenados no tempo: acolhimento, higiene, conversa na manta, organização do trabalho por grupos ou individual, concretização da actividade, momentos livres, higiene para o almoço, almoço, momento da higiene, repouso, apresentação pessoal: vestir, calçar, higiene para o lanche, lanche, momento de higiene e actividades livres” (Notas de campo, 11 de Novembro de 2010).

Segundo Zabalza, *“A rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos na organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo”* (2001, p.169).

Considero que as rotinas permitem às crianças um reconhecimento de sequências e conseqüentemente a previsão de acontecimentos. Deste modo, permitem que as crianças se sintam confiantes e tranquilas. Assim, *“É necessário ter claro que as rotinas são aprendizagens, é algo que as crianças devem aprender”*, (Zabalza, 2001, p.172) e, nesse sentido, nunca devem ser descuradas.

Portanto, cabe ao educador estruturar no início de cada ano lectivo a alternância dos diferentes momentos da sequência diária. Como tal, têm que ser pensados e planeados de acordo com os interesses e ritmos das crianças.

Contudo, na minha opinião penso que as rotinas da sala onde me encontro a estagiar são adequadas à faixa etária pois promovem a sua autonomia. Também de salientar que estão bem organizadas não sendo desperdiçado muito tempo na sua concretização.

3.3 Organização do Espaço

3.3.1 Interior/Sala

“O espaço da sala está organizado de acordo com algumas indicações fornecidas pelo MEM, adaptadas à realidade educativa. Neste sentido, a sala integra algumas áreas mais direccionadas para determinadas actividades, que se encontram dispostas à volta do espaço central, onde está o conjunto de mesas disponíveis. Assim, existe o espaço dedicado a actividades de expressão plástica, o espaço dos jogos, brinquedos (carros) e faz de conta (casinha das bonecas), o espaço destinado à matemática, à biblioteca e o espaço dos disfarces” (Notas de campo, 11 de Novembro de 2010).

Niza, defende que *“cada uma destas áreas de actividades deverá aproximar-se o mais possível dos espaços sociais originais e utilizar os materiais autênticos”*, (2007, p.133), de forma a estimular a aprendizagem da criança. Como tal, cada área deve ser planeada de modo a proporcionar actividades baseadas nos interesses das crianças e que estimulem uma aprendizagem valiosa. Assim, as actividades oferecidas devem reflectir os níveis de desenvolvimento das crianças e as suas experiências prévias, permitindo que aprendam no seu próprio ritmo, manipulando objectos, construindo, dialogando e assumindo diferentes papéis. (Spodek e Saracho, 1994)

Portanto, segundo as OCEPE, *“a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interroge sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planejar e fundamentar as razões dessa organização”* (1997, p.37). Assim, esta reflexão por parte do educador acerca da funcionalidade e adequação do espaço permite que este seja alterado tendo em conta as necessidades do grupo e também a sua evolução. Por isso, é

importante que as crianças participem também na alteração do espaço dando as suas sugestões com vista a perceberem essa organização.

3.3.2 Exterior

“No que se refere ao espaço exterior, pude observar que este é composto por um terraço (à frente da sala de actividades), por uma área com baloiços e escorrega e por um campo. Estes espaços, nomeadamente, o terraço é utilizado todos os dias com excepção de quando está mau tempo, no período da manhã. A área dos baloiços e do campo, normalmente, é utilizada no período da tarde com o acompanhamento das auxiliares” (Notas de campo, 16 de Novembro de 2010).

É importante ter em conta que o espaço exterior é também um espaço educativo. Assim, segundo as OCEPE, *“o espaço exterior é um local que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pelas crianças”* (1997, p.39). Por isso, sendo um prolongamento do espaço interior, onde as mesmas situações de aprendizagem têm lugar ao “ar livre”, permite uma diversificação de oportunidades educativas, pela utilização de um espaço com outras características e potencialidades. Como tal, este é um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e materiais disponíveis. Assim, nesta situação o educador pode manter-se como observador ou interagir com as crianças, apoiando e enriquecendo as suas iniciativas. (OCEPE, 1997)

Como tal, considero importante que o educador proporcione actividades no exterior com vista ao desenvolvimento das crianças.

3.4 Relações

“Tendo em linha de conta a importância da relação escola família e do envolvimento parental na escola, pude observar que a dinâmica relacional entre estes é boa. Neste sentido, existe o contacto diário nas horas de chegada e saída das crianças nos quais são estabelecidas conversas informais. Para além disso, sempre que necessário existem conversas telefónicas, visto que, para alguns pais, por motivos de trabalho nem sempre podem ir levar os filhos à instituição e também reuniões de pais que normalmente são realizadas num horário que permita aos pais a sua presença.

Quanto à equipa educativa a relação também é boa. Assim, são realizadas reuniões periódicas, no sentido de permitir a troca de informações entre a educadora, as auxiliares da acção educativa, a professora de música e de psicomotricidade.

Contudo, na sala a educadora promove um trabalho colaborativo recorrendo frequentemente à ajuda das auxiliares e à sua experiência” (Notas de campo, 24 de Novembro de 2010).

Segundo, Siperstein e Bak (1988), citado por (Spodek e Saracho, 1994, p.183) “ a comunicação e a cooperação entre pais e professores deve ser uma via de mão dupla, na qual cada um partilha informações e aprende com o outro para o benefício das crianças”. Como tal, considero de extrema importância esse diálogo entre ambas as partes, pois permite a troca de informações acerca da mesma criança.

O trabalho com os pais é uma parte importante da educação independentemente do nível que estamos a considerar. Deste modo, os professores necessitam de desenvolver um contacto com os pais dos alunos, perceber a seu meio familiar, para através de várias técnicas conseguirem desenvolver um trabalho que atinja diferentes fins. Contudo, é importante que percebam que a educação neste caso de crianças tão pequenas não pode ser

considerada isoladamente. Pois, para alcançar sucesso no trabalho com as crianças, é necessário que haja uma colaboração e cooperação entre estes dois elos, os pais e os professores. (Spodek e Saracho, 1994)

CAPÍTULO IV

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

4. INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO DA PRÁTICA EDUCATIVA

“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (OCEPE, 1997, p. 27).

Como tal, a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem. De modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.

A avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo. Como tal, incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção. Avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens. Assim, a avaliação formativa constitui-se, como instrumento de apoio e de suporte da intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do educador. (Circular nº 4 /DGIDC/DSDC/2011)

4.1 Instrumento de Avaliação

“Este instrumento foi elaborado ao longo de algumas aulas de prática educativa. Consiste numa tabela com vários itens que nos permitem observar para conhecer o tipo de planificação, de actividades, os espaços existentes e sua utilização, o tipo de relações e a avaliação. Importa referir que preenchi ao todo três tabelas” (Notas de campo, 9 de Dezembro de 2010).

Na minha opinião, analisando e reflectindo sobre a importância deste instrumento posso referir que é de fácil compreensão, de fácil preenchimento e de grande utilidade. Contudo, ao tratar os dados cheguei à conclusão que a escala não estava de acordo com as perguntas. Assim, para algumas questões deveria ser usada uma escala dicotómica.

Contudo, ao analisar as três tabelas que preenchi durante o período de observação pude concluir que foi complicada a sua realização pois, como estávamos na época natalícia, as actividades foram feitas com um determinado objectivo. Assim, esta é uma altura do ano em que é necessário fazer determinadas actividades observáveis para que fiquem em exposição, nomeadamente, adornos de Natal. Por isso, penso que o preenchimento destas tabelas, nesta época pode não corresponder na totalidade à verdadeira prática utilizada pela educadora.

Portanto, relativamente à elaboração das planificações, não observei a participação das crianças na elaboração das mesmas. Contudo, verifiquei frequentemente a articulação entre as diversas áreas de conteúdos nas diferentes actividades, a sua flexibilidade bem como a sua continuidade educativa.

Na maioria das vezes, as actividades eram realizadas individualmente, em pequeno grupo e em grande grupo. Enquanto uma criança realizava a actividade as outras brincavam livremente, pelos cantinhos da sala.

Contudo, a maioria das actividades observadas foram maioritariamente da iniciativa da educadora embora adequadas à planificação prevista.

Outro dos parâmetros contemplados no instrumento refere-se ao espaço. Assim, pude observar que as crianças dispõem de um espaço exterior grande. Este é constituído por um grande terraço em frente à sala sem qualquer tipo de cobertura, por isso, as crianças não o frequentam com regularidade na altura do Inverno. Assim, as actividades desenrolam-se dentro da sala de actividades e, por vezes, as crianças dirigem-se aos corredores e ao palco, que se situa na entrada para libertarem as suas energias. Contudo, quando está bom tempo dirigem-se para o terraço anteriormente referenciado e para o jardim existente em frente à instituição, o qual é composto por baloiços, escorrega e um campo.

Considero que esta também dispõe de boas dimensões para o desenvolvimento de qualquer tipo de actividade.

Em relação aos materiais, nas observações que fiz para o preenchimento deste instrumento, constatei que estes foram bastante diversificados pois, também nos encontrávamos numa altura em que utilizamos todo o tipo de material para elaborar as actividades. Estes encontram-se acessíveis às crianças, pois estas podem sempre que necessitar utilizá-los, desde que cumpram as regras de utilização.

Todavia, observei que existe uma boa cooperação entre a equipa educativa, pois as educadoras reúnem-se frequentemente para esclarecerem as suas dúvidas e planificarem os temas que irão trabalhar. Embora, algumas actividades possam ser diferentes de sala para sala o tema é sempre comum.

Dentro da sala existe uma boa relação entre a educadora e as auxiliares e vice-versa.

Por último, no que diz respeito à avaliação não observei uma avaliação realizada com as crianças, nem nenhuma avaliação das actividades realizadas. Contudo, numa conversa com a educadora, esta mostrou e explicou que utiliza a agenda do educador para registar as suas avaliações.

4.2 SAC (Sistema de Acompanhamento das Crianças)

“Nas aulas de prática educativa foi proposto a utilização de um instrumento de avaliação, o SAC” (Notas de campo, 30 de Novembro de 2010).

O SAC (Sistema de Acompanhamento das Crianças) oferece ao educador uma base para a avaliação e desenvolvimento do currículo na sua prática quotidiana, com base num ciclo contínuo de observação, avaliação, reflexão e acção, considerando o bem-estar, implicação/envolvimento, aprendizagem e desenvolvimento das crianças como dimensões norteadoras de todo o processo. Assim, é um instrumento de apoio à prática pedagógica que procura agilizar a relação entre práticas de observação, documentação, avaliação e edificação curricular.

Deste modo o SAC organiza-se em ciclos contínuos de observação e reflexão ao longo do ano, comportando cada ciclo 3 fases:

Fase 1 – Avaliação geral do grupo (Fichas 1g e 1i);

Durante esta fase são utilizadas na atribuição dos níveis (bem estar e implicação), cores, nomeadamente, o vermelho, o laranja e o verde. Assim, o vermelho assinala as crianças que suscitam preocupação (níveis baixos 1 ou 2), o laranja assinala as crianças que parecem funcionar em níveis médios (3) e o verde assinala as crianças que, claramente, parecem usufruir bem da sua permanência no jardim-de-infância (níveis altos 4 ou 5)

Fase 2 – Análise, reflexão e conclusão sobre a avaliação geral (Fichas 2g e 2i);

Fase 3 – Definição de objectivos e de iniciativas para o contexto geral, considerando os aspectos positivos e negativos identificados (Fichas 3g e 3i).

Estas três fases interligam-se e depois da fase 3 inicia-se um novo ciclo através de uma nova avaliação de todas as crianças, seguida de uma análise

mais específica do contexto e das crianças em particular, identificando-se novos objectivos. (Portugal, 2010, pp.74-75)

4.2.1 Ficha 1G¹

Num primeiro momento, foi proposto a utilização da ficha 1G, esta permite uma apreciação global dos níveis de bem-estar e de implicação de um grupo de crianças durante a sua estadia no estabelecimento educativo, permitindo assim ao educador:

- Obter uma visão clara sobre o funcionamento do grupo em geral;
- Identificar crianças que necessitam de apoio adicional ou atenção diferenciada.

Esta ficha irá ajudar a documentar as evidências que suportam as observações e apreciações realizadas.

Para mim, o preenchimento das fichas 1G foi muito importante pois, ao focalizar a minha atenção durante algum tempo numa criança fez-me perceber os seus interesses, onde se sente melhor e quais as actividades que mais gosta. Assim, acho que é um instrumento de trabalho que permite acima de tudo reflectir e perceber os interesses das crianças.

No entanto, quando iniciei a utilização da ficha 1G, tive como preocupação, que tinha que observar cada criança durante dois minutos e também que essa observação fosse feita em diversos momentos, nomeadamente, brincadeiras livres, acolhimento, realização de actividades. Assim, com esta observação pretendia perceber os níveis de bem-estar e de implicação de cada criança, de forma a registar e assinalar caso existam casos de preocupação ou de especial atenção. Para perceber os níveis de bem-estar e

¹ Ver anexo 1

de implicação atribuía um valor de 1 a 5, sendo que o 1 significa níveis muito baixos e em contrapartida o 5 níveis muito altos.

Utilizei o preenchimento desta ficha durante 4 semanas e pude concluir que não existia nenhum caso problemático, ou seja de cor vermelha. No entanto, existiam alguns casos cor de laranja, ou seja, níveis médios, mas estes casos aconteceram devido a situações pontuais como adaptação, separação da mãe/pai (período de entrega), indisposição e desinteresse/desmotivação por algumas actividades. Contudo, o grupo em geral encontra-se em níveis altos, cor verde, pois estão bem, usufruindo da sua permanência no jardim-de-infância.

Por fim, quero realçar que esta observação e registo fez-me conhecer melhor cada criança, bem como os seus interesses, para as minhas futuras intervenções.

4.2.2 Ficha 2G²

Num segundo momento, foi proposto a utilização da ficha 2G, esta permite apoiar, reestruturar, convidando à reflexão sobre os dados recolhidos através da ficha 1G, ponderando as causas e fundamentos dos dados verificados, assim como incentivando ao aprofundamento da indagação e análise feita, através da abertura de novos campos de reflexão e apreciação crítica, para a auto-avaliação do trabalho educativo nas suas diferentes vertentes.

No entanto, é intenção desta ficha suportar uma observação (in) directa do ambiente educativo, de modo a proporcionar informações que apoiem a tomada de decisões no sentido da adequação e melhoria constante das condições e intervenções educativas.

² Ver anexo 2

Na minha opinião, o preenchimento da ficha 2G foi útil e bastante enriquecedor pois, permitiu uma apreciação mais pormenorizada do grupo. Assim, no que diz respeito ao contexto pude reter informações ao nível do ambiente, bem como do espaço e da sua organização.

Tendo em conta as OCEPE, “ *A educação pré-escolar é um contexto de socialização em que muitas aprendizagens decorrem de vivências relacionadas com o alargamento do meio familiar de cada criança, de experiências relacionais e de ocasiões de aprendizagem que implicam recursos humanos e materiais diversos. Este processo educativo desenvolve-se em tempos que lhe são destinados e, em geral, em espaços próprios*” (1997,p.34).

Como tal, penso que é muito importante que todo o espaço esteja bem organizado e com boa acessibilidade de forma a permitir que a criança se sinta bem e para facilitar a sua aprendizagem. Por outro lado, também foi possível perceber as suas necessidades bem como os seus desejos pois, é importante ir ao encontro destes dois aspectos de forma a puder, se possível concretizá-los.

Deste modo, “*as opiniões das crianças possibilitam a compreensão do que lhes agrada ou desagrada num determinado contexto: espaço, materiais, organização, rotinas, actividades... e também aspectos críticos do relacionamento com adultos e outros pares*” (Portugal, 2010, p.94).

Por fim, com o preenchimento desta ficha, fiquei mais desperta para alguns aspectos e, também reflecti, com vista a melhorar a minha prática como futura educadora.

4.2.3 Ficha 3G³

A ficha 3G procura suportar o (re) conhecimento dos aspectos que se podem enriquecer na experiência educativa, sinalizando pontos que exigem atenção e investimento na sua melhoria e/ou reformulação.

³ Ver anexo 3

Igualmente procura delinear um plano de intervenção, assente em medidas concretas de acção, que representam compromissos com a transformação qualitativa do contexto.

O preenchimento da ficha 3G permitiu-me acima de tudo reflectir, acerca dos melhoramentos que achei relevantes fazer e que mencionei na ficha 2G. Como tal, pude delinear alguns objectivos e estabelecer algumas tarefas e acções a desenvolver, tendo em conta a oferta educativa, clima do grupo, espaço para iniciativa, organização e estilo do adulto. De acordo com Laevers e Moons (1997), citado por Portugal, (2010, p.106) *“propõem como estratégias orientadoras para promover implicação e bem-estar emocional no contexto de jardim-de-infância dez pontos de acção. (...) Importa que, de uma forma continuada e sistemática, se considerem as características do contexto, as limitações de cada situação e as consequências das intervenções para as crianças”*.

4.2.4 Ficha 1G: Avaliação Geral do Grupo Níveis de Bem-Estar e Implicação⁴

Numa fase final foi proposto o preenchimento da Ficha 1G, ou seja, fazer uma avaliação geral do grupo quanto aos níveis de bem-estar e implicação. Como tal, esta apresenta como função ajudar a documentar o funcionamento do grupo em geral. E também a identificar crianças que necessitam de apoio adicional ou atenção diferenciada.

Reflectindo sobre o preenchimento desta ficha considero imprescindível voltar de novo a avaliar o grupo em geral. Assim, segundo as OCEPE, *“ avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e*

⁴ Ver anexo 4

à sua evolução” (1997, p.27). Pois ao fazê-lo pude verificar as evoluções das crianças a nível do bem-estar e implicação na sua permanência no jardim-de-infância comparativamente com a fase inicial. Importa ainda referir que me permitiu fazer alguns comentários relativos às particularidades de algumas crianças, problemas ou dificuldades específicas.

Em jeito de conclusão, quero referir que a utilização deste instrumento de avaliação, o SAC, foi muito importante ao longo deste estágio, em constante aprendizagem. Assim, ajudou-me a conhecer o grupo de crianças a identificar os seus desejos e necessidades. Também permitiu conhecer melhor o espaço educativo bem como a sua organização e por sua vez reflectir de modo a delinear objectivos e estratégias para o seu melhoramento. Foi sem dúvida uma grande ajuda ao longo deste processo contínuo de observação, reflexão e actuação.

CAPÍTULO V

A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA

5. A MINHA ACTUAÇÃO PRÁTICA

Importa referir, que a minha actuação prática se dividiu em dois grandes momentos, um em que planifiquei por temas e outro em que trabalhei por metodologia de projecto, ou seja, planifiquei com as crianças de acordo com os seus interesses.

5.1 Planificação

5.1.2 O que é planificar?

Segundo as OCEPE, “ *Planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando os recursos humanos e materiais necessários à sua realização* ” (1997, p.26).

Assim sendo, cada educador têm a sua própria planificação, pois esta irá reflectir o modo como cada um encara o processo de ensino aprendizagem. Como tal, não existe uma definição concreta a seguir sobre planificação, pois esta deve ter a ver com o estilo próprio de cada um e com o seu modo de trabalhar.

Portanto, uma planificação é como um fio condutor, orientador do trabalho do educador com vista a alcançar determinados objectivos a que este se propõe. Por isso, uma planificação deve ser flexível de forma a ter em conta o que se quer fazer, os materiais, as actividades e acima de tudo as opiniões das crianças.

Considerando que planificar é muito importante pois, permite guiar a acção de educador e pensar nas actividades a concretizar. É também importante que o educador faça uma reflexão prévia centrada em alguns aspectos, nomeadamente, para quê vou ensinar, como vou ensinar, o que vou ensinar e como sei que houve aprendizagem. É no fundo, uma antevisão do que vai

acontecer, ou seja pensar os conteúdos a abordar, as estratégias a utilizar e a forma de os avaliar. Desse modo, na minha actuação prática planifiquei por actividades⁵. De acordo com Medina (1990), citado por Vilar, (1993, p.48), “*a actividade no processo de ensino aprendizagem constitui-se como a unidade de análise para compreender a realidade*”. Assim, a principal questão prende-se com a análise e selecção das actividades. Como tal, por detrás dessa questão está subjacente uma determinada concepção curricular. Neste sentido, a actividade é o verdadeiro eixo da aprendizagem autónoma. Desse modo, fazer opções em termos de actividades não é uma tarefa fácil e implica reflectir acerca de vários aspectos. Assim, este modelo de planificação é claramente exigente pois o professor está constantemente a tomar decisões referentes ao processo ensino aprendizagem.

Portanto, tendo em conta, o tema do Projecto Educativo, “Vitória, vitória vamos ouvir uma história” e a pedido da educadora cooperante, planifiquei as minhas actividades segundo alguns temas. Esses consistiram, nomeadamente, no Carnaval, Primavera, Dia do Pai, Alimentação, Páscoa e Dia da Mãe. Para qualquer um dos temas apresentados, na maioria das vezes, parti sempre do conto de uma história. Como tal, utilizei diversas estratégias: contar a história, a partir de um livro, utilizar PowerPoint, ou teatro de fantoches e de sombras. Procurei sempre ter em conta, na minha planificação a diversificação de estratégias. Isto para não cair na rotina de utilizar sempre a mesma e acima de tudo para tentar cativar e motivar as crianças. Para além das estratégias, procurei sempre articular o máximo de áreas de conteúdo nas actividades. Segundo as OCEPE, (1997), o educador deverá ter a preocupação de planificar as suas actividades, tendo em conta as diversas áreas de conteúdo e a sua articulação.

Importa referir, que a minha planificação era flexível de modo a garantir a sua alteração, caso acontecesse algum imprevisto ou mesmo em função dos interesses e necessidades do grupo. Pois, ao longo desta fase, com

⁵ Ver apêndice 1

algumas planificações cheguei à conclusão que se voltasse a pôr em prática algumas actividades teria que pensar em outras estratégias para o fazer. Isto porque às vezes planifiquei actividades para pequenos grupos e, com a sua realização achei que seria mais vantajoso o trabalho individual. E, noutras situações planifiquei actividades para grande grupo e cheguei à conclusão que em pequenos grupos era mais vantajoso pois, permitia às crianças usufruir mais das actividades. Penso que esta fase da minha actuação correu bem, na medida em que fui capaz de liderar o grupo, de perceber os seus interesses e necessidades com a intenção de adequar as minhas práticas.

5.2 Projectos

5.2.1 Metodologia de Projecto

Para elaborar os projectos, foi proposto seguir a metodologia de projecto, uma vez que tinha a intenção de atribuir um papel activo às crianças. Como tal, é importante perceber que a metodologia de projecto implica uma construção progressiva, ou seja, uma flexibilidade em que o projecto se vai construindo através de uma evolução que pode não ter sido prevista no início, dando às crianças uma maior flexibilidade de conteúdos. Para além disso, é a criança que escolhe o que quer ver abordado, tendo uma auto-motivação para o tema, suscitando-lhe assim um maior interesse pela descoberta do mesmo. Assim, a finalidade da metodologia de projecto consiste na introdução de mudanças reais numa situação, logo possui como pressuposto que os intervenientes possam ser os agentes dessa mudança, dando uma maior autonomia à criança.

Segundo Katz e Chard, esta metodologia *“tem em linha de conta a aquisição de conhecimentos, capacidades, predisposições e sentimentos”* (1997, p.105). Deste modo, pode proporcionar situações de aprendizagem, nas

quais possam ocorrer interacções e conversações enriquecidas a nível do contexto e conteúdo relacionadas com assuntos que são familiares às crianças; pode proporcionar actividades nas quais as crianças de níveis de capacidade diferentes possam contribuir para o decurso da vida e trabalho de grupo; pode também proporcionar o trabalho em conjunto podendo criar-se situações e acontecimentos, nos quais as capacidades sociais são funcionais e podem ser intensificadas” (Katz e Chard, 1997).

É importante ter em conta que as crianças podem querer trabalhar diferentes temas. Como tal, devemos realizar uma selecção dos tópicos a trabalhar, segundo aspectos tais como, uma negociação com as crianças no sentido de estabelecer uma ordem de trabalhos e também ter em conta as suas necessidades. Esta metodologia é composta por diferentes fases. A primeira deve iniciar com a formulação do problema, devendo-se partir da partilha de informação e do registo da mesma, através de uma teia/rede de tópicos. Seguidamente deve-se realizar um levantamento e uma negociação das hipóteses que iremos trabalhar e, por fim, pesquisar, tendo em conta princípios importantes como a cooperação, a negociação e a orientação do educador.

Na segunda fase, as crianças começam a ganhar consciência da orientação que pretendem tomar, podendo-se continuar a construir a teia com as pesquisas que são efectuadas, passando-se para o mais concreto: o que se vai fazer, por onde começar e como se vai fazer, podendo-se começar a distribuir tarefas. O educador tem um papel importante na organização e aconselhamento do grupo, na orientação, na troca de ideias e nos registos.

A terceira fase diz respeito às experiências directas, ou seja, à execução propriamente dita, na qual se inicia o processo de pesquisa e a organização da informação. No fundo, o que se pretende trabalhar são as atitudes e as competências das crianças, sendo o papel do educador ajudá-las a realizar o ponto da situação, intervindo.

Finalmente, a quarta fase integra a divulgação e a avaliação. Ao nível da divulgação, elabora-se a síntese da informação adquirida para a tornar útil

aos outros, ou seja, para mostrar o culminar do projecto. Na avaliação, compara-se o que as crianças aprenderam com as questões que formularam inicialmente, analisam o contributo de cada um dos elementos do grupo, a qualidade das tarefas realizadas e o nível de entreajuda. (Ministério da Educação, 1998)

5.2.2 Mini Projecto “O ciclo da água”

Tendo em conta que ao trabalhar por metodologia de projecto se podem tratar temas diferentes, nasceu este mini projecto direccionado para as ciências.

De acordo com as OCEPE, *“Os seres humanos desenvolvem-se e aprendem em interacção com o mundo que os rodeia”* (1997, p.79). Desta forma, quando as crianças iniciam o ensino no Pré-Escolar já possuem alguns conhecimentos sobre o mundo. Os conhecimentos são construídos a partir da interacção com os outros, do mundo natural e da manipulação de objectos.

Neste sentido, há que aproveitar a sua curiosidade natural, o seu desejo de compreender e dar sentido ao mundo que as rodeia. Por isso, cabe ao educador, proporcionar situações de descoberta e exploração do mundo, podendo ser os resultados esperados bastante encorajadores no que diz respeito à motivação, participação e à aquisição de competências e conhecimentos.

Como tal, a temática escolhida, “O ciclo da água”, insere-se na área do Conhecimento do Mundo. Esta explora o desejo e a curiosidade das crianças e inclui o alargamento de saberes básicos necessários à vida social que decorrem de experiências proporcionadas pelo contexto de educação pré-escolar ou que se relacionam com o seu meio próximo. Além disso, supõe também a abordagem de aspectos científicos que ultrapassam a experiência directa da criança e as suas vivências imediatas.

Assim, a partir de uma situação ou problema, as crianças terão oportunidade de propor explicações e de confrontar as suas perspectivas da realidade.

O tratamento desta área deve, então, proporcionar aprendizagens pertinentes com significado para as crianças, mesmo que estas não dominem os conteúdos na sua totalidade, a introdução destas temáticas cria uma sensibilização que desperta a curiosidade, explora a sua capacidade de observação e o desejo de aprender e experimentar. O educador deverá apoiar e possibilitar o aprofundamento das questões facilitando a construção de conceitos mais rigorosos a partir dos saberes das crianças. (OCEPE, 1997)

Portanto, a meta principal deste projecto consistia em levar as crianças a compreenderem que o ciclo da água é fundamental para a renovação da água no nosso planeta e que esta é fundamental para a vida terrestre. Assim, foram desenvolvidas actividades centradas nesta meta de modo a desenvolvê-la. Também, pretendemos sensibilizar as crianças para a importância da água no ambiente assim como, para a importância da sua preservação. Importa ainda referir que este mini projecto foi comum às salas dos 3 anos I e dos 5 anos. Por isso, existiram actividades em comum, como a abertura do projecto, com um teatro de fantoches, a construção de um cartaz sobre o ciclo da água e o visionamento de um filme sobre a importância da preservação da água. Posto isto, cada sala deu continuidade ao tema tendo em conta as questões que surgiram após o teatro de fantoches. Assim, na minha sala abordamos os estados, nomeadamente, o sólido, líquido e gasoso. Para isso, foram realizadas algumas experiências de modo a ir ao encontro desses conceitos. Ao longo deste mini projecto privilegiámos o trabalho em pequenos grupos havendo por vezes momentos de trabalho individual e de grande grupo. Foi notório também o seu envolvimento, interesse pelas actividades executadas, verificando todo o seu entusiasmo, empenho e satisfação de verem colocado em prática actividades do seu interesse e em que elas eram os “principais actores”.

Desta forma, apesar da insegurança que senti, pois foi o meu primeiro mini projecto, penso que esta experiência foi bastante enriquecedora para o meu futuro. Pois permitiu-me trabalhar por metodologia de projecto e acima de tudo reflectir acerca do que correu menos bem para num próximo projecto melhorar.

5.2.3 O Projecto “As Emoções”⁶

5.2.3.1 Pertinência

Tendo em conta a proposta de trabalho das docentes da área curricular de Prática Educativa, o visionamento de alguns projectos e o Projecto Educativo da Instituição “Vitória, Vitória, vamos ouvir uma história decidimos abordar como tema “As Emoções”.

Esta temática leva a que a criança identifique e rotule as expressões de cada uma das emoções básicas, nomeadamente, a alegria, tristeza, medo e raiva. Também leva a que a criança aprenda a lidar com cada uma das emoções mencionadas anteriormente.

Contudo, para melhor nos inteirarmos acerca do tema que iríamos abordar decidimos fazer alguma revisão bibliográfica a fim de orientarmos as crianças no desenrolar do projecto.

5.2.3.2 Lançamento

Tendo em linha de conta o Projecto Educativo da Instituição, Vitória, vitória, vamos ouvir uma história, decidimos conjuntamente com as colegas da sala dos 5 anos (tinham o mesmo tema) partir de uma história para o lançamento do nosso projecto. A história que escolhemos chamava-se “Os Tesouros do Arco-Íris”. Esta falava nas quatro emoções básicas, nomeadamente, a alegria, tristeza, raiva e medo e como tal, decidimos fazer

⁶ Ver apêndice 2

uma dramatização da mesma na qual apenas se viam as personagens. Para as personagens personalizamos quatro galochas brancas, correspondendo cada uma a uma emoção. Assim, na dramatização, estávamos todas atrás de um enorme papel de cenário que tinha pintado um arco-íris e um baú. À medida que uma colega ia contando a história iam aparecendo as personagens, nomeadamente, a bota da alegria, da tristeza, do medo e da raiva. Terminada a dramatização quer o grupo de 3 anos quer o de 5 dirigiram-se para a sala não tendo conhecimento de quem estava atrás do cenário. Passado, algum tempo, eu e a minha colega entrámos na sala com as galochas calçadas, sentamo-nos e começamos a conversar naturalmente com as crianças como se nada tivesse acontecido. Contudo, as crianças começaram a perguntar porque tínhamos aquelas botas pois, tinham acabado de ouvir uma história no dormitório onde estavam essas botas. Assim, através da dramatização proporcionámos algumas ideias às crianças sobre Emoções e demos início ao nosso projecto.

5.2.3.3 Fases

Com a dramatização da história e após a nossa ida para a sala começaram a surgir questões, pois começaram a tentar identificar o que representava cada uma das botas. Neste primeiro diálogo estivemos a explorar a história apresentada bem como as suas personagens. Surge então, a 1ª fase, a formulação do nosso problema, o que são emoções, nomeadamente, o que é a alegria? o que é a tristeza?, o que é o medo? e o que é a raiva?. Assim, neste primeiro diálogo registámos quais eram as ideias que cada um tinha acerca de cada emoção. Também neste diálogo as crianças mostraram interesse em saber o que era um baú e para que servia. Como tal, propusemos que fossem pesquisar para tentar descobrir. Posteriormente, passamos a registar o que tínhamos dito e para isso começamos a construir a nossa teia ou rede de tópicos. Segundo Katz e Chard, esta consiste no *“levantamento das ideias e*

conceitos - chave que um tópico engloba, e de alguns dos subtemas principais com ele relacionados” (1997, p.181).

Na 2ª fase, que consiste na planificação e lançamento do trabalho, as crianças começam a ter consciência dos conhecimentos que pretendem abordar. Nesta fase, e uma vez que já havíamos realizado um pequena dramatização sobre o tema, no sentido de “ajudar” as crianças a adquirirem conhecimentos e a possuírem opções de escolha, realizámos o levantamento de algumas ideias que as crianças queriam ver abordadas. Assim, estas queriam saber como era e para que servia um baú. Como tal, proporcionámos às crianças o contacto e visionamento de alguns baús, nomeadamente, de madeira e de papel. Assim, surgiu o desejo de construir um para a sala para guardar os tesouros de cada uma das emoções. Também nesta fase as crianças para tentarem descobrir o que era cada uma das emoções propuseram fazer uma viagem escolhendo como meio de transporte o comboio. Como tal, propuseram construir um comboio em que cada uma das carruagens representava uma emoção. Terminado isto, registamos de novo na nossa teia as nossas ideias e começamos de seguida a distribuir tarefas para iniciarmos a construção do baú.

Na 3ª fase, que diz respeito à execução, dialogámos com as crianças, fazendo-as perceber que, para avançarmos no projecto, necessitávamos de realizar pesquisas. Nesse sentido, propusemos às crianças pesquisarem em casa com os pais acerca do que era um comboio e de cada uma das emoções. Assim, enviamos um recado para casa a informar aos pais o tema do nosso projecto e a pedir colaboração para a continuação do mesmo. Com as pesquisas que as crianças trouxeram, nomeadamente, imagens e algumas frases desenvolvemos com elas um diálogo, no sentido de trocar algumas ideias. Nesta fase, aconteceu algo fantástico, apareceu um tesouro, dentro do baú que as crianças construíram. Este tesouro consistiu num dado mágico acompanhado de uma carta com algumas instruções. Assim, este foi o nosso fio condutor para decidir qual a emoção a trabalhar. Uma criança lançava o dado e saía a alegria então durante dois dias trabalhavam essa emoção e assim sucessivamente para as

restantes. Importa realçar que nesta fase foram realizadas diversas actividades para cada uma das emoções. Assim, a primeira emoção a ser abordada foi a alegria. Para esta, as crianças propuseram enfeitar estrelas, corações e flores com brilhantes entre outros, ouvir histórias, fazer máscaras, jogos, ouvir canções e pintar a carruagem de cor-de-rosa e amarelo.

Seguidamente abordaram o medo e de novo foram questionados sobre o queriam fazer. Assim, propuseram construir uma aranha grande, fazer fantasmas, fazer máscaras em forma de aranha, ouvir histórias, músicas, fazer jogos e pintar de roxo a carruagem.

Posteriormente trabalharam a tristeza e tendo em conta as pesquisas que trouxeram de casa, quiseram fazer um palhaço grande triste, fazer máscaras, ouvir histórias, construir um puzzle, aprender canções e pintar de azul a carruagem. Por último abordaram a raiva e como tal quiseram fazer uma bota, ouvir histórias, aprender canções, fazer máscaras e pintar de vermelho a carruagem. Terminadas as actividades para cada uma das emoções e tendo em conta as pesquisas feitas, as crianças propuseram fazer a carruagem do maquinista para o comboio ficar completo. Como tal, escolheram o verde para pintar a respectiva carruagem. Para terminar, decidiram construir uma bilheteira para o dia da divulgação e ilustrar os respectivos bilhetes.

Na 4ª fase, relativa à avaliação e à divulgação, tínhamos como objectivo avaliar todo o processo de divulgar os trabalhos das crianças, uma vez que elas próprias demonstraram interesse em fazê-lo. Assim, sendo, decidimos convidar os pais e os amigos das restantes salas para dar a conhecer o nosso projecto. Para isso, fizemos convites que consistiram num baú com um tesouro dentro o qual foi entregue aos pais e aos amigos das restantes salas. Nesta fase, importava ainda perceber se as crianças tinham adquirido conhecimentos e qual a sua visão sobre tudo o que havia sido realizado. Nesse sentido, desenvolvemos diálogos com as mesmas, nos quais comparámos ainda as questões que haviam sido abordadas com as questões inicialmente formuladas, registando o que aprenderam. Posteriormente, pedimos que

realizassem um desenho acerca do que mais gostaram e do que menos gostaram ao longo do projecto. De realçar, que no fim da abordagem de cada emoção construímos um jornal de parede. Este tinha como função o registo do que as crianças fizeram, o que mais gostaram, o que menos gostaram e o que gostariam de fazer. Esta foi também uma forma que encontramos para ir avaliando gradualmente. Ainda nesta fase, e uma vez que pretendíamos que os pais dessem a sua opinião sobre o projecto desenvolvido, construímos um livro, “Os nossos Tesouros”, no qual constava os desenhos, do que as crianças já sabiam de cada uma das emoções, do que mais gostaram, do que menos gostaram e também o registo do que aprenderam. Como tal, o dia da nossa divulgação dividiu-se em dois grandes momentos, o período de manhã, destinado à apresentação do nosso projecto para os amigos das restantes salas e o período da tarde destinado à apresentação para os pais.

Portanto, no período da manhã, à medida que iam chegando os grupos, a criança que estava na bilheteira dava um bilhete e o grupo dirigia-se para dentro do ginásio para fazer uma viagem no mundo das emoções. Assim, uma criança dava o dado mágico a outra criança do grupo convidado para esta lançar e consoante a emoção que saísse todo o grupo tinha que a mimar. Seguidamente, essa criança mostrou o baú e os tesouros que este continha. Posteriormente, o grupo começou a visitar cada uma das carruagens e para ajudar nessa visita à entrada de cada uma das carruagens estava uma criança que explicava o que fizeram. Terminada a visita o grupo tinha a oportunidade de ver o livro “Os nossos Tesouros” e assim terminava a viagem. Este processo repetiu-se para todos os grupos da instituição à excepção do Berçário I.

Quanto ao período da tarde, formámos grupos, os quais eram compostos pelas crianças e pelos respectivos pais. Assim, cada grupo dirigia-se à bilheteira para adquirir um bilhete para a viagem e de seguida entravam para o ginásio. O percurso feito foi igual ao do período da manhã. Terminada a visita, os pais afastavam-se e os seus filhos entravam para as carruagens e davam uma volta de comboio, pois importa referir que este andava. De

seguida, deslocámo-nos para a sala e à entrada da mesma tínhamos no placard uma exposição com fotografias de todo o projecto, as quais com a ajuda de algumas crianças fomos explicando aos pais. Posteriormente entrámos para a sala e distribuímos uma fatia de bolo (decorado de acordo com as emoções) por todos os convidados e procedemos à apresentação de um vídeo do nosso projecto (oferecemos a cada pai como recordação).

5.2.3.4 Reflexão

As Emoções é um tema que à partida não parece fácil de abordar e concretizar mas, com muita força de vontade, apoio e dedicação tudo se consegue. Por isso, para mim este projecto tornou-se muito motivante uma vez que concebi ideias próprias, pesquisei e aprofundei conhecimentos.

Este foi sem dúvida um verdadeiro projecto e a prova verdadeira do que se diz na teoria é possível de aplicar na prática. Para isso, foi imprescindível ouvir as opiniões das crianças, respeitá-las e conseguir de algum modo dar resposta aos seus desejos e dúvidas. Como tal, tentámos sempre após as suas sugestões pensar em actividades e técnicas que fossem ao encontro dos seus interesses e necessidades. Para isso, tentámos sempre realizar práticas integradas, ou seja, tentar articular as áreas de conteúdo. *“As diferentes áreas de conteúdo deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como comportamentos estanques a serem abordados separadamente”* (OCEPE, 1997, p.48).

Também ao longo do projecto fomos reflectindo acerca das actividades desenvolvidas, dos comportamentos das crianças e das opiniões que estas nos iam transmitindo através dos diálogos na manta e das conversas estabelecidas no decorrer das actividades. Tendo como principal preocupação melhorar sempre que possível a nossa prática, com vista a poder proporcionar e partilhar momentos de conhecimento e de aprendizagem.

No término do projecto, procurámos reflectir e avaliar todo o processo, retirando conclusões sobre tudo o que havia sido realizado e que afinal tinha valido a pena o esforço e a dedicação.

Em suma, faço um balanço muito positivo deste projecto pois pude trabalhar tendo em conta os pedidos e opiniões das crianças e ver como estas estavam motivadas a fazer “coisas”, que partiram delas. É sem dúvida uma experiência marcante que me faz parar e pensar que afinal as crianças têm muito para nos dar e ensinar.

CAPÍTULO VI

CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Terminado este estágio, concluo que foi bastante enriquecedor e de extrema importância para a minha futura prática educativa, pois tive oportunidade de contactar com uma realidade educativa durante quase um ano lectivo. Este percurso foi marcado por algumas fases. A primeira consistiu na observação. É importante, na minha opinião, observar para tomarmos consciência das realidades para posteriormente podermos tirar conclusões e assim, actuar.

Assim, nesta primeira fase, a observação, permitiu que conhecesse melhor o grupo de crianças, bem como, as práticas da educadora, a organização e utilização do espaço. Para tal, utilizei alguns instrumentos, nomeadamente, um que foi construído em conjunto com as colegas nas aulas de Prática Educativa e que permitiu perceber as práticas da educadora assim, como a organização e utilização do espaço. Contudo, para conhecer o grupo de crianças utilizei um instrumento de avaliação, o SAC. Deste instrumento utilizei a Ficha 1G, que permitiu perceber os níveis de bem-estar e de implicação das crianças no Jardim-de-infância.

Por fim, este período de observação permitiu ainda que percebesse as dinâmicas de um jardim-de-infância, adquirisse algumas ferramentas para que como futura educadora venha a colocar em prática. Assim, foi uma fase bastante gratificante e útil para o meu percurso.

Uma outra fase diz respeito às actividades por mim dinamizadas, ou seja à minha prática pedagógica. Nesse sentido, penso que as actividades planificadas correram bem podendo referir que tive sempre o apoio da Educadora Cooperante quer ao nível da planificação quer da dinamização. Importa ainda referir, que não me deparei com qualquer tipo de dificuldade no

que diz respeito à gestão do grupo. No entanto, houve momentos em que senti dificuldades em estabelecer o diálogo na manta com as crianças.

Em suma, esta fase traduziu-se em aprendizagens significativas como educadora/estagiária, pois pude liderar o grupo, trabalhar em equipa com a minha colega e ultrapassar algumas dificuldades.

Uma outra fase diz respeito à realização de um projecto utilizando a metodologia de projecto. Esta metodologia permitiu-me “indiciar” um projecto e a partir daqui vê-lo crescer e evoluir consoante os interesses e opiniões das crianças. Por isso, penso que foi uma fase muito importante deste estágio pois permitiu-me colocar em prática a teoria aprendida. Também foi um método de trabalho em que foi possível ver e perceber a motivação, interesse, envolvimento e empenho das crianças nas actividades propostas por elas. Como futura profissional penso que foi sem dúvida um verdadeiro projecto, pois pouco a pouco fui crescendo e fui reflectindo sobre as minhas práticas com vista a melhorá-las.

Em jeito de conclusão, este estágio foi uma mais-valia para a minha futura prática profissional. Na medida, em que foi um processo de aprendizagem indispensável para mim, que anseio estar preparada para enfrentar uma profissão de tanta responsabilidade, ser Educadora de Infância. Assim, foi o momento em que pude extrair benefícios e corrigir alguns erros recorrendo à Educadora Cooperante.

Como tal, tive oportunidade de desenvolver as minhas capacidades e habilidades analisando situações e reflectindo sempre sobre possíveis mudanças. O que me permitiu alargar a minha visão acerca da realidade profissional. Deste modo, enriquecendo o meu processo de ensino aprendizagem pois, fui adquirindo ferramentas que vão ser úteis para o futuro.

Por isso, senti o estágio como um momento de aproximação às crianças o que me fez conhecê-las, bem como, tudo o que as rodeia. Neste sentido, criei possibilidades de interacções de troca de saberes e experiências e o acesso a novos conhecimentos.

Por fim, quero realçar que este estágio ultrapassou de longe as minhas expectativas, uma vez que os meus estágios realizados anteriormente tinham sido na sua maioria em 2º ciclo. Deste modo, o meu caminho foi mais difícil pois, tive que pesquisar e trabalhar muito autonomamente para conseguir alcançar os meus objectivos.

Importa ainda referir que escolhi como subtítulo deste relatório de estágio, “Passo a Passo Construo o Meu Caminho”, pois foi pouco a pouco que fui caminhando e evoluindo ao longo de toda esta caminhada de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

Formosinho, J. e Lino, D. e Niza, S. (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância: Construindo uma práxis de participação*. 3ª edição, Edições Porto Editora. Porto.

Katz, L. e Chard, S. (1997). *A abordagem de projecto na educação de infância*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Ministério da Educação (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. DEB. Lisboa.

Ministério da Educação (1998). *Qualidade e projecto na educação pré-escolar*. DEB. Lisboa.

Portugal, G. e Leavers, F. (2010). *Avaliação em educação pré-escolar: Sistema de acompanhamento das crianças*. Edições Porto Editora. Porto.

Spodeck, B. e Saracho, O. N. (1994). *Ensinando crianças de três a oito Anos*. Editora Artes Médicas Sul. Porto Alegre.

Vilar, A. (1993). *O professor planificador*. 1ª edição, Edições ASA. Porto.

Zabalza, M. (2001). *Didáctica da educação infantil*. Edições ASA. Porto.

Legislação

Decreto-lei nº5/97, de 10 de Fevereiro. *Diário da República nº34 – I Série A*.
Ministério da Educação. Lisboa.

Despacho nº5220/97, de 4 de Agosto. *Diário da República nº178- II Série*.
Ministério da Educação. Lisboa.

Circular nº17/DSDC/DEPEB/2007. *Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação. Lisboa.

Circular nº4/DGIDC/DSDC/2011. *Avaliação em Educação Pré-Escolar*.
Ministério da Educação. Lisboa.

APÊNDICES

Apêndice n.º 1

- Planificação Diária

Data	Actividades a realizar	Áreas a trabalhar	Competências	Recursos		Estratégias de avaliação
				Humanos	Materiais	
25/02/2011	◆ Conto da história “A Carochinha” através de um teatro de sombras. ◆ Ordenação temporal de partes da história. ◆ Iniciação da construção dos fatos de carnaval (os meninos do couro);	◆ Área da expressão e comunicação – domínio da linguagem oral ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão dramática ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão musical e motora; ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da matemática ◆ Área da expressão e comunicação – domínio da expressão plástica	◆ Sabe ouvir e recontar alguns momentos de uma história; ◆ Mostra interesse em comunicar; ◆ Observa algumas dramatizações de histórias; ◆ Interessa-se por fantoches; ◆ Reproduz canções simples; ◆ Dança (diferentes ritmos/movimentos ao som da música) ◆ Memoriza e canta pequenas canções; ◆ Ordena sequencialmente partes de uma história; ◆ Mostra prazer/desejo de explorar e de realizar trabalhos; ◆ Revela criatividade na elaboração das suas produções; ◆ Identifica e nomeia as cores;	◆ Educadora; ◆ Estagiárias; ◆ Auxiliares.	◆ Livro da história “A carochinha” (adaptação de Ana Oom); ◆ Cd da história “A carochinha” ◆ Imagens das diferentes partes da história; ◆ Sacos pretos de plástico; ◆ Tesouras; ◆ Guardanapos de papel; ◆ Cola.	◆ Diálogo; ◆ Registo fotográfico;

“Passo a Passo Construo o Meu Caminho”

			♦ Aperfeiçoa o controle na manipulação e utilização dos materiais;			
--	--	--	--	--	--	--

Apêndice n.º 2

- CD com o Projecto “As Emoções”

ANEXOS

Anexo n.º 1

- Ficha 1G

Grupo: N.º de adultos:			N.º de Crianças: Semana de: ____ a ____ Tempo: ____ às ____				
Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emocional (de 1 a 5)	Observações	Nome da Criança		Implicação Bem-Estar Emocional (de 1 a 5)	Observações
1		☐ ☐ Imp. B-E		6		☐ ☐ Imp. B-E	
2		☐ ☐ Imp. B-E		7		☐ ☐ Imp. B-E	
3		☐ ☐ Imp. B-E		8		☐ ☐ Imp. B-E	
4		☐ ☐ Imp. B-E		9		☐ ☐ Imp. B-E	
5		☐ ☐ Imp. B-E		10		☐ ☐ Imp. B-E	

Anexo n.º 2

- Ficha 2G

ANÁLISE DO GRUPO	
O QUE ME AGRADA	O QUE ME PREOCUPA
O que está a correr bem? Que aspectos positivos se devem realçar como evidências de bons níveis de bem- estar e implicação no grupo.	O que é preocupante? Que aspectos me inquietam e impressionam relativamente às evidências de neutro ou fracos níveis de bem-estar e implicação no grupo.
• • • •	• • • •

ANÁLISE DO CONTEXTO			
FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA ALTOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO		FACTORES QUE CONTRIBUEM PARA BAIXOS NÍVEIS DE BEM-ESTAR E IMPLICAÇÃO	
1. Ambiente estimulante (estruturas bem equipadas, variedade de materiais e experiências, etc):		1. Ambiente empobrecido (infraestruturas limitadas, material desgastado e inadequado, oferta diminuta de experiências, etc):	
2. Atmosfera positiva e bom clima de grupo (atmosfera agradável, interações positivas, sentido de pertença, etc):		2. Atmosfera inibidora e fraco clima de grupo (interacções frias, demasiado ruído ou silêncios constrangedores, crianças e adultos da sala mantêm contactos fugazes e impessoais, etc):	
3. Espaço para iniciativa (é favorecida a escolha das crianças relativamente a actividades, assuntos, negociações, regras, etc):		3. Falta de oportunidade para iniciativa (actividades predominantemente impostas e conduzidas pelos adultos, pouca flexibilidade na estruturação dos dias, na negociação e na tomada de decisões, fraca responsabilização da criança, etc)	
4. Organização eficiente (plano do dia acessível e voltado para as crianças, gestão de tempo sem momentos “vazios/mortos”, orientação e acompanhamento adequados, gestão do grupo apropriada, etc...)		4. Organização insuficiente (o plano do dia não é voltado para as crianças, o tempo é mal gerido e explorado, especialmente nas rotinas de transição, a orientação não é usada de modo optimizado, a gestão do grupo é desajustada, etc)	
5. Estilo do adulto adequado (atenção aos sentimentos e necessidades das crianças, intervenção estimulante e promotora da iniciativa da criança, etc)		5. Estilo do adulto inapropriado (os sentimentos e disposições das crianças não são tomados em conta, pouco ou nenhum estímulo ao ímpeto exploratório das crianças, desvalorização das iniciativas das crianças, etc)	
Factores inerentes à criança (dia de aniversário, nascimento de um irmão, celebração familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (poucas crianças na sala, dia de actividade excepcional, etc)	Factores inerentes à criança (doença, crise familiar, etc)	Circunstâncias excepcionais (presença de novo adulto na sala, falta de adulto de referência, etc)

OPINIÕES DAS CRIANÇAS SOBRE O JI	
O que lhes agrada	O que lhes desagrada
•	•
•	•
•	•
•	•
Interesses ou desejos	
•	
•	
•	

INFORMAÇÕES GERAIS	
Características/recursos da comunidade e famílias	Projecto do Agrupamento/Instituição
•	•
•	•
•	•
•	•

Anexo n.º 3

- Ficha 3G

Acções para o período de _____ a _____		
Grupo:		
Prioridades⁷: ☐ Oferta Educativa ☐ Clima de Grupo ☐ Espaço para Iniciativa ☐ Organização ☐ Estilo do Adulto ☐ Outros aspectos		
OBJECTIVOS (Considerando a análise da ficha 2G, que fins gostaria de alcançar?)	• • • • •	
Âmbito	Intenções/necessidades de mudança	Iniciativas/Acções concretas a desenvolver
OFERTA EDUCATIVA		
CLIMA DE GRUPO		
ESPAÇO PARA INICIATIVA		
ORGANIZAÇÃO		
ESTILO DO ADULTO		
OBSERVAÇÕES		

⁷ Assinalar os campos de intervenção prioritária com a atribuição por ordem crescente de números de 1 a 5.

Anexo n.º 4

- Ficha 1G: Avaliação Final

Jardim de Infância: _____				
Grupo: _____ anos				
N.º de adultos: _____				
N.º total de Crianças: _____				
Semana de: _____ a _____				
Observador: _____				

n.º	Nome da Criança	Níveis de Bem-Estar Emocional	Níveis de Implicação	Comentários
1		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
2		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
3		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
4		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
5		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
6		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
7		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
8		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
9		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
10		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
11		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
12		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
13		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
14		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
15		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
16		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
17		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
18		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
19		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
20		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
21		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
22		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
23		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
24		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	
25		1 2 3 4 5 ?	1 2 3 4 5 ?	